

e cadeira com pilhas de Bíblias extras. Eu mantenho tudo o mais organizado em caixas de vime, metade das quais mofaram neste clima, não importa o quão seco o cômodo pareça estar.

Então, há a cruz pesada, em tamanho real, encostada na parede. Quando Abe me trouxe aqui pela primeira vez, o governo estava no meio de uma reforma de sua igreja e havia retirado esta cruz desgastada acima do altar, uma que tinha sido feita de um carvalho gigante em Salamanca, e colocado uma menor, de prata mais ornamentada. Era para significar um futuro mais digno para a vila, talvez um Deus mais digno.

Eu sempre achei isso um pouco insultuoso. Deus não era encontrado nas riquezas; não, ele era encontrado nas coisas simples, como madeira gasta e áspera da pátria. Uma cruz cara e luxuosa não significava que esta vila estava mais perto do céu do que com uma velha de madeira.

Mas nada disso importa agora. Tenho uma cruz à minha disposição, e Deus iria querer que eu a usasse.

Coloco cuidadosamente a Syren no chão. Ela está completamente parada, olhos fechados, e eu a encaro por um momento para ver se ela está respirando. Ela tem guelras no pescoço, três linhas que tentam se abrir, depois param, grudando umas.

Talvez ela morra, e meu plano seja frustrado, mas de qualquer forma, eu preciso tirar mais sangue dela agora enquanto posso.

Embora eu consiga enxergar bem no escuro, preciso de luz para fazer isso direito. Acendo

algumas velas ao redor da sala, e então vou até a cruz e arranco os longos espinhos que foram perfurados nos braços para reverência mórbida. Pego alguma corda que está empilhada no canto, e com um grunhido, puxo a Syren para cima

do chão e a coloco de volta contra a cruz, enrolando rapidamente a corda em volta de um braço, depois do outro, até que ela fique suspensa.

Ela cai para frente, seu longo cabelo loiro molhado caindo no rosto, pingando no chão. O peso da parte superior do corpo puxa seus braços até eles se deslocarem com um estalo, então deixo seu rabo descansar no chão para lhe dar

algum apoio. Sei o suficiente que não foram os pregos que mataram aqueles que foram crucificados. Não, foi sufocamento pela pressão nos pulmões. Não tenho certeza de quanto uma Syren pode aguentar, mas um humano em uma cruz morreria em

menos de vinte e quatro horas.

Nem sei se ela ainda está respirando.

Fico perto dela, segurando os espinhos em minhas mãos. A água do mar pinga dela em uma cadência constante, mas, fora isso, ela não se move. Meu olhar